

COMO ALUNOS DE GRADUAÇÃO AVALIAM OS TEXTOS PRESCRITOS POR SEUS PROFESSORES: UM ESTUDO JUNTO A DOIS CURSOS DE GRADUAÇÃO

ELSA MARIA MENDES PESSOA PULLIN (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA),
ELAINE CRISTINA LIVIERO TANZAWA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA).

Resumo

O desempenho leitor de alunos de cursos de graduação vem sendo apontado aquém do desejável. Porém, pouco se tem investido para a alfabetização acadêmica efetiva desses estudantes e, raramente, se tem posto como necessário, por parte de professores e pesquisadores, avaliar os efeitos da seleção e indicação dos textos prescritos. O presente trabalho levantou a opinião de 112 alunos, matriculados na 1ª e 4ª série em dois cursos de graduação (Biblioteconomia; Pedagogia) de uma universidade pública, acerca dos textos indicados para estudo. Um questionário foi utilizado e aplicado coletivamente, em uma sessão, por série e curso. Os resultados indicaram que o grau de complexidade dos textos prescritos para estudo é sistematicamente percebido como distante dos modos como os assuntos são tratados em sala de aula, apesar desses textos serem considerados pertinentes para a prática profissional. Estes resultados parecem justificar a avaliação dos textos, por vezes, como difíceis e do que sentem quando os lêem. Os modos de escuta de textos orais e escritos, quando valorizados e ensinados para o indivíduo implicando em desempenhos competentes, como ouvinte e leitor, pode ser uma forma de dirimir algumas das dificuldades enfrentadas por alunos e professores, quando da leitura e prescrição de textos, no caso, dos indicados em cursos de graduação. Sugere-se que os professores, além de selecionarem uma bibliografia, precisam estar atentos em reduzir a distância do grau de complexidade dos discursos que circulam em sala de aula com a dos textos que prescrevem para estudo. Como ensina Paulo Freire, toda a bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora, a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos para quem ela é proposta, e exige, por parte de quem a seleciona, um triplo respeito: a quem ela se dirige, aos autores citados e a si mesmos.

Palavras-chave:

Ensino Superior, Leitura, Práticas de leitura.

É comum se pensar que a alfabetização é um processo simples, que deva ocorrer no primeiro ano da escolarização. Tal crença tem raízes históricas (FRAGO, 1993; GRAFF, 1994; CAVALLO; CHARTIER, 1998), sempre relacionadas a uma visão estreita do ler: ler é decodificar marcas (SILVA, 1999), nomeadamente das produzidas em um sistema linguístico. Poucos são os que conhecem o lugar e o sentido do conceito da alfabetização ao longo da história, responsáveis a um só tempo para que a compreensão acadêmica e popular acerca da alfabetização fosse, durante muito tempo, simples e segura (GRAFF, 1994). Entretanto, cabe lembrar que há menos de três décadas, a alfabetização era frequentemente conceitualizada como uma variável independente, central no "complexo de fatores que distinguem indivíduos e sociedades avançadas, modernas e desenvolvidas das em desenvolvimento, e de pessoas e áreas menos desenvolvidas no mundo." (GRAFF, 1994, p.11. Grifos do autor). Concordamos com esse autor quanto a que "o mito da alfabetização" (GRAFF, 1994, p.27) é insuficiente para explicar de forma

satisfatória o lugar da alfabetização na sociedade, na política, na cultura ou na economia.

As ponderações anteriores servem de esteio ao presente trabalho. Inicialmente, para distinguirmos a nossa posição. Consideramos que a alfabetização não se circunscreve apenas às marcas escritas. Ela se estende a outros produtos simbólicos sociais, aos modos, aos valores, às atitudes, às habilidades cognitivas e afetivo-sociais que adquirimos quando interagirmos em nossa cultura. Por conseguinte, podemos afirmar não só que distintas alfabetizações são necessárias para que o indivíduo possa interagir efetivamente em seu meio, quanto a que estas trespassam as experiências individuais. Em outras palavras, ao invés de uma alfabetização, limitada ao sistema lingüístico, outras são imprescindíveis para que um indivíduo se humanize, visto que o que nos distingue como humanos são esses modos particulares, porém socializados, de nos relacionar com a realidade, com o mundo que fomos levados/alfabetizados a reconhecer e valorizar, seja em suas dimensões físicas ou psicossociais. Isso nos leva a redimensionar e a descaracterizar qualquer instituição, tida ou havida como responsável pela *alfabetização*. Entretanto, por força das condições sócio-culturais, algumas instituições exercem um papel mais preponderante para que o indivíduo seja alfabetizado, nesta ou naquela dimensão sócio-cultural.

Em sociedades contemporâneas, a escola vem desempenhando um papel importante, porém não exclusivo, para que as suas gerações mais jovens adquiram as habilidades e os modos postos como mais efetivos para se relacionarem com a sua realidade. Entre esses, estão os relacionados às produções escritas. No caso do presente trabalho, nos interessam as produções produzidas por outros. Sendo a escola a instituição socialmente responsável pela transmissão dos saberes legitimados como essenciais para a formação das novas gerações, nos instigou verificar como nela são tratadas essas produções: como seus professores prescrevem leituras, trabalham os textos prescritos em sala de aula; como os alunos percebem e avaliam essas prescrições.

Tomamos por foco, para o presente relato, o que acontece em uma instituição pública do Ensino Superior. Nesta, foram escolhidos os cursos de Biblioteconomia e de Pedagogia, pela importância estratégica dos profissionais certificados nesses cursos para a formação de novos leitores. (FERREIRA, 2004).

No Ensino Superior, de modo geral, o aluno precisa atender às demandas, nem sempre comuns, porque exigidas por distintos campos disciplinares, porém que constituem os saberes tidos como necessários, por vezes imprescindíveis, para a sua formação. Além disso, as produções que passam a lhe ser exigidas não lhe foram ensinadas anteriormente, na maioria das vezes. Conhecidamente, entre as práticas pedagógicas mais comuns nesse nível de ensino, seminários, produções escritas, sob as modalidades de resumo, resenha e relatos de pesquisa, exigem que os alunos produzam leituras de textos acadêmicos. Estes, por sua natureza técnico-científica contribuem para que os alunos não só precisem atender a demandas, algumas específicas relacionadas aos modos de condução pedagógica das atividades da disciplina por seus professores (TANZAWA, 2009), quanto implicam o enfrentamento a novos desafios. Desafios estes que requererem para sua solução modos distintos de ler, que a escolarização anterior desses alunos nem sempre os preparou para que realizem adequadamente o que passa a lhes ser exigido, neste nível de formação profissional. (WITTER, 1997; BARZOTTO, 2005; CARLINO, 2003).

Concordamos com Fraisse (1993) quando este evidencia a leitura e a escrita como "instrumentos permanentes e necessários para a continuação do estudo [... e

porque] a leitura determina amplamente a vida do estudante". (FRAISSE, 1993, p. 11).

Muitas têm sido as queixas de professores de cursos de graduação quanto às dificuldades que identificam em seus alunos para produzirem leituras que ultrapassem a identificação e a paráfrase dos textos (BARZOTTO, 1999). Tal acontece, entre os professores, porque consideram tanto a leitura como um instrumento importante para a formação profissional, quanto pressupõem que o aluno, mesmo o recém-chegado no Ensino Superior, tenha pleno domínio para ler os textos que prescrevem. No entanto, na maioria das vezes, isso não é real. (CARELLI; BARTALO, 1998; WITTER, 1997; CARLINO, 2003, PULLIN; PULLIN, 2007, entre outros).

Durante o Ensino Superior, o aluno sente com uma intensidade maior, a necessidade de ser um bom leitor, pois é mais instigado a ler, na maioria das vezes textos acadêmicos, com os quais não tem familiaridade. Por isso, frequentemente os consideram difíceis (BARTALO, 1998; PULLIN, 2007; TANZAWA, 2009).

Frequentemente, essas dificuldades são por eles atribuídas à complexidade das produções acadêmicas, por seus textos serem construídos, na maioria das vezes para a comunicação entre cientistas: neles é utilizada uma linguagem técnica e estratégias retóricas comuns e legitimadas pelo respectivo campo disciplinar. Porém, tais dificuldades parecem não ser geradas apenas pela complexidade dos textos propostos, mas sim pelas condições relacionadas aos contornos dos modos como essas leituras são indicadas, produzidas e posteriormente trabalhadas em situações escolares (PULLIN; ALLIPRANDINI; GUIMARÃES, 2009).

Apesar da proposição da realização de leituras se fazer presente em todos os níveis de ensino nas sociedades letradas (SILVA; BRITO, 2004), no Brasil, o número de pesquisas voltadas para a investigação da leitura no Ensino Superior é reduzido, conforme informa a estudiosa no assunto Geraldina Porto Witter, em 1997. Passados dez anos, isto é, em 2007, pela análise que Tanzawa (2009) realizou o cenário não se modificou.

Tendo em vista a posição assumida e o suporte teórico, acima expostos, definimos como objetivo do presente trabalho identificar a opinião de alunos de graduação acerca dos textos que lhes são prescritos para estudo.

Metodologia:

O presente trabalho caracteriza-se por ser um estudo quali-quantitativo visto considerarmos: a) falsa a existência de conflito que exclua mutuamente o uso de procedimentos provenientes de distintas tendências metodológicas (LUNA, 1998); b) cada participante/grupo como único, em face das suas histórias individuais; c) a natureza social (verbal) do objeto de estudo que, por si, imprime limitações ao uso de questionários, bem como aos dados obtidos. Portanto, os resultados descritos estão sujeitos a outras interpretações.

Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública do norte do Paraná que atende 17420 alunos, 14056 deles matriculados em um dos 38 cursos de graduação e os demais em cursos de pós-graduação: 1284 em cursos de *stricto sensu* (10 Programas de Doutorado e 28 de Mestrado); 1778 em cursos de Especialização (n= 95); e 302 matriculados em Residências com especialização nas áreas de saúde (n=47). Foram, então, escolhidos os cursos de Biblioteconomia e de

Pedagogia, pela importância que os futuros profissionais desses cursos desempenham para a formação escolar de novos leitores.

Participantes

Para a seleção dos alunos participantes por curso, decidimos reduzir as respectivas populações aos alunos do 1º ano, pela possibilidade de diagnóstico quanto aos modos de ler dos que ingressam nesses cursos, e aos do 4º ano, por pressupormos que entre estes os modos de ler produções técnico-científicas passam a ser desenvolvidos ao longo de sua vivência acadêmica no curso, isto é, decorrente do ofício como alunos do Ensino Superior.

Em face dos participantes encontrarem-se matriculados em cursos distintos, porém nas mesmas séries, para fins de análise constituímos quatro grupos. Tendo como critério o curso, denominamos de GB ao grupo de participantes do curso de Biblioteconomia (n=62), e de GP ao grupo de participantes do curso de Pedagogia (n=50), independente da série em que se encontravam matriculados.

Todos os alunos que aceitaram colaborar na pesquisa constituíram o conjunto de participantes. Contamos, assim, com uma amostra de 112 alunos de ambos os cursos.

Os participantes da 1ª série, matriculados no curso de Pedagogia e de Biblioteconomia, constituíram os subgrupos GP1 e GB1, respectivamente. Os participantes da 4ª. Série, tendo por parâmetro o curso em que se encontravam matriculados, compuseram os subgrupos GP2 e GB2.

O Quadro 1 possibilita a visualização quanto à distribuição dos participantes (n=112) por grupo e subgrupo. Anexo 1

Caracterização do instrumento utilizado

Foi utilizado o questionário "Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo", elaborado por Pullin (2007), composto por 15 itens, cujos enunciados são seguidos por cinco opções de resposta dispostas sob a modalidade de escala Likert. Conforme o enunciado, as opções propostas no instrumento são de dois tipos. Por frequência, com opções distribuídas no contínuo: sempre; frequentemente, algumas vezes, raramente, nunca, e qualitativas, distribuídas no intervalo de ótimo a muito ruim, com os seguintes gradientes: bom; regular; fraco; muito ruim.

Para presente o relato, apenas os dados obtidos pelas respostas a seis itens foram utilizados: dois relativos à auto-avaliação dos participantes como leitores, de textos em geral e de textos acadêmicos prescritos para estudo; quatro que têm como mote comum o seguinte instigador verbal: "Francamente, eu posso afirmar acerca dos textos indicados pelos professores...". Os conteúdos dos itens selecionados para o presente trabalho, que seguem esse enunciado geral, solicitam que o respondente informe a frequência que vivencia ao ler esses textos, quanto aos seguintes aspectos e dimensões: prazer; dificuldades enfrentadas; pertinência com as atividades futuras profissionais; compare-os quanto ao grau de complexidade com o que é trabalho em sala de aula, acerca do mesmo assunto.

Procedimentos

Explicitados os objetivos da pesquisa em cada turma e esclarecidas as condições de participação, definindo que esta deveria ser voluntária e expressa pela assinatura

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi iniciada a coleta dos dados. A aplicação do instrumento foi coletiva em sala de aula, realizada em uma única sessão por série-curso, em horário cedido pelos professores.

Textos prescritos para estudo: análise da opinião dos participantes e algumas considerações

Pelos resultados colhidos pelo item 14 do questionário "Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo", que instigava os participantes a se auto-avaliarem como leitores de textos em geral e de textos acadêmicos (técnico-científicos), situando-se em um dos cinco pontos da escala, com intervalo de ótimo a muito ruins, foi constatado que as diferenças registradas junto aos grupos (GB e GP) não os diferenciam significativamente, ao nível de 0,50. Esta afirmação sustenta-se nos resultados obtidos no Teste *U* de Mann-Whitney (SIEGEL, 1977) para as duas auto-avaliações, tendo por foco os participantes do GB e do GP.

Entretanto, apesar de tais diferenças não serem significantes, quanto à auto-avaliação dos participantes como leitores de textos em geral e para textos acadêmicos, os participantes do curso de Biblioteconomia avaliam-se de forma mais positiva do que os do curso de Pedagogia.

Quando analisadas as respostas dos participantes e verificados os dados pelo mesmo teste estatístico, tendo por foco o curso e em cada um deles a série em que se encontravam matriculados, ficou evidente que os participantes da série inicial, independente do curso, se auto-avaliaram melhor do que os das séries finais, isto é, do que os matriculados na série final do respectivo curso.

Por conseguinte, de modo geral, os participantes de GB e GP não se diferenciam quanto às auto-avaliações como leitores. A análise de correlações entre as auto-avaliações como leitores, pelo teste *R* de Spearman (SIEGEL, 1977), demonstrou que a relação é significativa, tendo por parâmetro o nível de significância de 0,05. A força da relação encontrada foi de 0,58. Este resultado demonstra que a auto-percepção e avaliação dos participantes de GB e GP, como leitores de textos em geral e de textos acadêmicos estão relacionadas.

Lembrando que, independente do curso, os participantes das séries iniciais se auto-avaliam de forma superior aos das séries finais, a relação acima descrita é instigante. Será que as mudanças recém-operadas no vestibular, dando ênfase à interpretação de textos, bem como as decorrentes de uma maior compreensão, por parte dos professores, acerca das recomendações gerais dos Parâmetros Curriculares nacionais (BRASIL, 1999) para a Educação Básica, nomeadamente das relativas à leitura, estão surtindo esses efeitos? Ou a experiência do ofício de alunos ao longo de seus cursos na graduação está levando-os a se conscientizarem de que não sabem ler, inclusive textos em geral? Será que essa auto-percepção negativa quanto à leitura de textos em geral decorre das experiências que vivenciam quando lêem textos acadêmicos?

Possivelmente, pelo menos em parte, a análise dos dados obtidos aos demais quatro itens do questionário, possa auxiliar para compreender, as diferenças acima relatadas, bem como responder a algumas dessas questões.

Registrou-se que, independente da série e curso, a maioria dos participantes indicou que só ocasionalmente gosta de ler os textos propostos por seus professores. Nenhum participante, do GB e do GP, informou nunca gostar de ler tais textos.

Por curso, os resultados são os que seguem: 58% dos participantes do GB (n= 62) apontaram que ocasionalmente gostam de ler esses textos; 29% freqüentemente; 9,7% sempre; 3,2% raramente. No GP (n=50), 60% dos participantes indicaram que algumas vezes gostam de ler os textos que lhes são prescritos; 26% freqüentemente; 10% raramente; 4% sempre.

A maioria dos participantes (GB+GP) considera, ainda, que ocasionalmente os textos prescritos para estudo são difíceis. Dificuldades enfrentadas para a leitura desses textos ocorrem raramente. Poucos foram os que indicaram que sempre consideram os textos difíceis.

A Tabela 1 apresenta a opinião dos participantes, por curso e série, quanto à freqüência com que vivenciam quanto a sentir dificuldade para ler os textos prescritos por seus professores. Anexo 2

Apesar dos participantes informarem que encontram dificuldades para ler os textos indicados por seus professores, percebem-nos como pertinentes para a prática profissional a se exercida futuramente por eles.

A Tabela 2 permite a identificação da distribuição dessas opiniões, por curso e série em que os participantes se encontravam matriculados. Anexo 3

Como pode ser constatado pela leitura da Tabela 2, a opinião da maioria dos participantes do GB e GP, quanto à importância dos textos para as suas atividades profissionais futuras, é a de que raramente, ou nunca estabelecem essa relação. Entre os participantes do GP registrou-se que sempre identificam essa relação 14,3% do GP1, contudo a opinião predominante entre os do GP2 é a de que raramente ou nunca percebem essa relação (50,3%). Entre os participantes do GB a maioria não consegue estabelecer pertinência entre o que lêem e as futuras atividades profissionais. Raramente a constataam (50% do GB1; 46,7% do GB2) ou apenas ocasionalmente percebem essa relação (28,1% do GB1; 20% do GB2).

Entretanto, conforme dados da Tabela 2, verifica-se que proporcionalmente mais participantes de GP1 do que dos demais grupos percebem essa pertinência.

Pelos resultados acima descritos, é indiscutível a dificuldade enfrentada pelos participantes para lerem os textos prescritos por seus professores, bem como em perceberem a importância dessas leituras para o futuro exercício profissional.

Se por um lado os participantes avaliam os textos como difíceis e distantes das exigências que supõem vir a enfrentar no campo profissional, por outro as formas como os conteúdos desses textos são tratados em sala de aula nem sempre os auxiliam para tal, conforme resultados que passaremos a apresentar.

A distância quanto ao grau de complexidade registrada nos textos indicados e ao de como os assuntos são trabalhados em sala de aula ocorre, na opinião dos participantes, ocasionalmente para: 43,7% do GB1; 32,1% do GP1; 21,4% do GB2; 59,1% do GP2. Raramente constataam essa distância: 37,6% do GB1; 35,7% do GP1; 25% do GB2; 27,3% do GP2. Poucos foram os que informaram sentirem essa distância, freqüentemente: 6,25% do GB1; 14,3% do GP1; 4,5% do GB2; 14,3% do GP2. Nenhum dos participantes dos dois cursos registrou que tal defasagem quanto ao grau de complexidade do conteúdo trabalhado no texto e na aula "sempre" ocorra.

Com o intuito de avaliar as relações entre os resultados obtidos quanto ao grau de dificuldade que sentem em ler os textos indicados para estudo, a pertinência que

atribuem quanto à importância dos mesmos para a prática profissional com a distância entre o grau de complexidade apresentada pelo texto e as formas como os mesmos assuntos são tratados em sala de aula, constatou-se que apenas uma correlação foi significativa (0,42*), porém fraca, entre a percepção dos textos como complexos e a distância do trabalho dos mesmos conteúdos em sala de aula.

As limitações do presente estudo circunscrevem-se em primeiro lugar às relativas da aplicação de um questionário. Como assinalado, a natureza verbal dos dados colhidos, pela aplicação do instrumento aplicado, as respostas instigadas pela seleção das opções colocadas em escala Likert, limitam em parte as conclusões possíveis. Seriam necessários mais dados, levantados a partir de entrevistas de profundidade, por exemplo, junto a alguns desses participantes, para que os resultados obtidos pudessem ser cruzados com os obtidos por esse procedimento.

Os resultados obtidos no presente trabalho se, por um lado, convergem com as indicações da literatura, como as de Witter (1997) e Carlino (2003), por outro demonstram a necessidade de novas pesquisas. Estarão, de fato, os alunos chegando ao Ensino Superior mais preparados para lerem textos acadêmicos? A competência leitora de textos gerais e a auto-avaliação como leitor desses textos em que medida se relaciona com a de textos acadêmicos?

REFERÊNCIAS

BARZOTTO, V. H. (Org.). Estado da leitura. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

BARZOTTO, V. H. Leitura e interpretação de textos para alunos ingressantes no terceiro grau. In: LIMA, R.C. de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de letras, p.97-101, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTC, 1999.

CARELLI, M. J. G. ; SANTOS, A. A. A. dos. Condições temporais e pessoais de estudo em universitários. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v.2, n.3, p.265-278, 1998.

CARLINO, P. Alfabetización académica : um cambio necesario, algunas algunas posibles. *Educere*, Mérida (Venezuela), v.6, n.20, p.409-420, 2003.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, N. S. A. Leitura como objeto de leitura. *Revista FAEBA*, Salvador, v.13, n.21, p.13-22, 2004.

FRAGO, A. V. *Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: ARTMED, 1993.

FRAISSE, E. Lecture etudiant emergence d'une question. In: FAISSE, E. (Org.). *Les étudiants et la lecture*. Paris: Presses Universitaires, 1993.

GRAFF, H. J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LUNA, S. V. Sobre critérios minimamente consensuais de fidedignidade e generalidade do conhecimento produzido. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. de F. Q. de; RODRIGUES, M. M. P. (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, v. 1, p. 13-422.

PULLIN, E. M. M. P. Leitura de estudo: estratégias reconhecidas como utilizadas por alunos universitários. *Ciências & Cognição*. Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-13, 2007.

PULLIN, E. M. M. P.; ALLIPRANDINI, P. M. Z. ; GUIMARÃES, S. E. R. Valoração da leitura por recém-ingressos em Pedagogia: reflexões para a prática docente. In: ***Seminário Pedagogia em Debate IV e Colóquio Nacional de Formação de Professores IX. Curitiba, 2009 (no prelo)***.

PULLIN, E. M. M. P. Metacognição, práticas de leitura e estratégias de estudo em estudantes de um curso de formação de professores: possíveis efeitos de um programa de intervenção. Projeto aprovado e registrado na Universidade Estadual de Londrina, 2007.

PULLIN, E. M. M. P. ; PULLIN, A. M. P. Leitura de alunas de um mestrado em educação: implicações para o ensino e pesquisa. In: PINHO, S. Z. de; STUCCHI, E.B; SCHLÜNZEN JUNIOR , K. ; SAGLIETTI, J.R.C.; TANURI, L.M.; PAGOTTO, M.D.S.; BARBOSA, R.L.. (Orgs.). *Modos de ser educador: artes e técnicas ciências e políticas*. (E-BOOK). São Paulo: EdUNESP, 2007. p. 28-38.

SILVA, E. T. da. Concepções de leitura e suas conseqüências no ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, v.17,n.31, p. 11-20. 1999.

SILVA, I. B.; BRITTO, L.P. L. Usos da biblioteca por estudante de educação superior. *Série-Estudos*, Campo Grande, n.18, p.265-279, 2004.

SIEGEL, S. *Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

TANZAWA, E. C. L. *Leitura e compreensão de textos acadêmicos: um estudo junto a alunos de dois cursos de graduação*. 2009. 100 f. Dissertação (Educação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

WITTER, G. P. *Psicologia leitura e universidade*. Campinas: Alínea, 1997.

Série	Curso de graduação em...	
	Biblioteconomia GB (n=62)	Pedagogia GP (n=50)
1ª	GB1 (n=32)	GP1 (n=28)
2ª	GB2 (n=30)	GP2 (n=22)

Quadro 1: Distribuição dos participantes por grupo

TABELA 1: Opinião dos participantes quanto à frequência com que avaliam os textos indicados por seus professores como difíceis

Grupos	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca
GB1 (n=32)	9,4%	-	75%	-	3,1%
GB2 (n=30)	-	10%	80%	6,7%	3,3%
GP1 (n=28)	3,7%	25%	64,3%	-	3,7%
GP2 (n=22)	-	27,3%	63,6%	9,1%	-

TABELA 2: Opinião dos participantes quanto à pertinência dos textos prescritos pelo professores para a prática profissional.

Grupos	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca
GB1 (n=32)	3,1%	-	28,1%	50%	15,6%
GB2 (n=30)	-	6,7%	20%	46,7%	6,7%
GP1 (n=28)	14,3%	10,7%	21,4%	25%	25%
GP2 (n=22)	-	4,5%	45,4%	36,7%	13,6%